

# UMA PROPOSTA PARA A SISTEMATIZAÇÃO DE DADOS DE AVALIAÇÃO LINGUÍSTICA

Danielle Baltieri BENTO  
Orientadora: Profa. Dra. Livia Oushiro

**Resumo:** Com base nos pressupostos da Sociolinguística Variacionista (Labov, 1972), este trabalho apresenta uma proposta para a sistematização de dados de Avaliação Linguística – comentários metalinguísticos que os falantes fazem sobre diferentes variedades e variantes linguísticas (Oushiro, 2015). A proposta consiste em uma metodologia para quantificar dados coletados de forma qualitativa, a partir de perguntas abertas. O *corpus* utilizado é composto por 60 entrevistas com residentes no município de Piracicaba-SP, estratificados em gênero, faixa etária e região de residência; o roteiro abrange 27 perguntas abertas sobre a cultura e a fala piracicabanas. Os dados foram sistematizados em duas planilhas complementares, uma com os dados qualitativos e outra com dados quantificáveis, o que permite a análise estatística sobre eles.

**Palavras-chave:** Sociolinguística, Avaliação Linguística, Sistematização de dados, Caipira, Piracicaba-SP.

## INTRODUÇÃO

A partir do trabalho homônimo apresentado no 18º Seminário de Pesquisas da Graduação (SePeG), realizado em novembro de 2022, este artigo tem como objetivo principal divulgar a proposta metodológica desenvolvida e utilizada em Bento (2021), que se apresenta como um ganho para a área da Sociolinguística Variacionista (Labov, 1972) ao mostrar-se uma forma de análise raramente utilizada.

Bento (2021) analisou a avaliação linguística de residentes no município de Piracicaba-SP, comumente conhecido como prototípico do falar caipira, sobre seu próprio modo de falar. O termo *caipiracicabano* junta as palavras *caipira* e *piracicabano*, e é frequentemente utilizado por pessoas da região piracicabana ao se referirem ao falar local. Esse termo faz coro com o discurso que permeia o interior de São Paulo – e até mesmo outros estados – de que em Piracicaba «se fala caipira». Como reflexo desses aspectos, o dialeto caipira foi tombado como patrimônio imaterial de Piracicaba em 2016 (Destro, 2016).

Em diversos trabalhos sociolinguísticos sobre a fala do interior de São Paulo, é possível observar comentários dos participantes das pesquisas enfatizando o falar caipira como característico de Piracicaba (ver, por

exemplo, Carreão 2018, Espírito-Santo 2019, Picinato 2018, Plaza 2019). A presença do caipira no imaginário popular, em sua maioria, está atrelada a estigmas e preconceitos; o falar caipira é geralmente associado, no estado de São Paulo, à fala de pessoas sem escolaridade, ignorantes, do interior e/ou da zona rural. Considerando o estigma e o expressivo discurso popular, faz-se relevante conhecer o que os próprios piracicabanos têm a dizer sobre sua variedade linguística.

Na área da Sociolinguística, são comuns estudos de *produção linguística*, que descrevem e analisam como as pessoas falam. Sobre a produção linguística piracicabana, podemos citar Rodrigues (1974), que analisou a fala de residentes em bairros rurais do município na década de 1970, fazendo uma descrição fonética e sintática do falar local; e Morelli (2019), que, mais de 40 anos depois, analisou a produção das variáveis /r/ em coda silábica (por exemplo: *porta*), /r/ em ataque intervocálico (por exemplo: *maravilha*) e rotacismo (troca de *l* por *r*, por exemplo: *pranta*) na fala de piracicabanos. Mesmo em se tratando de estudos que visavam conhecer e analisar a fala dos participantes, encontra-se também, nas respostas às perguntas das entrevistas, aspectos que se assemelham ao discurso popular sobre o falar caipira e o falar da região.

Em crescimento na área da Sociolinguística, além das pesquisas sobre produção, há também estudos de avaliação, percepção, crenças e atitudes linguísticas, que, de modo geral, analisam as opiniões e os julgamentos que os falantes fazem sobre variedades e variantes linguísticas. Oushiro (2015a) define *avaliação* como “o discurso metalinguístico dos falantes sobre as variantes”. A partir dessa distinção, Bento (2021) coletou as avaliações linguísticas de residentes no município de Piracicaba a fim de analisar o discurso metalinguístico sobre o falar local.

No que diz respeito à metodologia em avaliações linguísticas, é comum encontrar duas formas principais em estudos sociolinguísticos. Uma delas recorre a questionários fechados e tem uma ampla aplicação, resultando em um conjunto robusto de dados que podem ser quantificados (p.ex., Freitag et al 2016; Souza 2018). A outra metodologia consiste em entrevistas abertas, com maior duração, mas geralmente em menor escala (p.ex., Aguilera e Silva; Leite 2011). Essas duas formas de coleta direcionam a duas diferentes formas de análise: no primeiro caso, faz-se uma análise

quantitativa, enquanto no segundo, uma análise qualitativa. Em diversos trabalhos na área, há a junção das duas metodologias: aplicam-se tanto questionários fechados quanto entrevistas abertas.

Freitag et al. (2016), cuja metodologia foi replicada posteriormente em Souza (2018), aplicaram questionários em larga escala, com perguntas fechadas de múltipla escolha. Os dados foram organizados em nuvens de palavras, tabelas e gráficos, a partir da frequência das respostas. A metodologia com base em perguntas abertas foi utilizada, por exemplo, em Aguilera e Silva (2015) e Leite (2011). As autoras realizaram entrevistas com roteiro pré-definido e gravaram seus participantes; as respostas foram analisadas qualitativamente. Unindo as duas metodologias, Oushiro (2015b) aplicou tanto questionários fechados quanto entrevistas abertas. Primeiro, realizavam-se as entrevistas sociolinguísticas, gravando a resposta dos participantes, e, ao final, aplicavam-se questionários para coletar a avaliação linguística. Nesse caso, Oushiro (2015b) analisou a avaliação linguística de seus participantes de forma qualitativa e quantitativa, com dados coletados separadamente.

A partir das metodologias mais frequentes na área de avaliações linguísticas, nota-se uma lacuna: as análises qualitativas e quantitativas são realizadas em conjuntos de dados diferentes. Sendo assim, a metodologia empregada em Bento (2021) e aqui discutida mostra-se diferenciada das formas de coleta acima descritas ao permitir uma análise qualitativa e quantitativa a partir do mesmo conjunto de dados. A seção seguinte apresenta essa metodologia e mostra alguns dos resultados alcançados a partir dela.

## **METODOLOGIA DE SISTEMATIZAÇÃO DE DADOS QUALITATIVOS**

De modo geral, o principal objetivo de Bento (2021) era o de descrever como os próprios piracicabanos e residentes na cidade avaliavam sua própria variedade linguística. Para isso, esquematizou-se um roteiro de entrevistas (ver anexo A), com 27 perguntas abertas sobre o que os participantes pensavam sobre a cidade, o caipira, o dialeto local e traços linguísticos específicos. O roteiro tem duas partes principais: a primeira é composta por perguntas gerais sobre o participante e sua relação com a

cidade de Piracicaba; a segunda abrange tópicos de avaliação linguística e avaliação sobre o caipira e o piracicabano. Essa segunda parte tem perguntas específicas sobre como os participantes reconhecem outro piracicabano; mudanças no modo de falar conforme o tempo e a situação; o modo de falar do piracicabano, do caipira e do próprio participante; avaliações sobre caipira, quem é caipira, o que é falar caipira, entre outras; e avaliação sobre seis variantes específicas<sup>1</sup> (escolhidas, a partir da literatura, pela associação com o falar caipira):

- (1) a. /r/ caipira em coda silábica: “fecha a *po[ɹ]ta*”;
- b. /r/ caipira em ataque silábico: “ele tem um *Cama[ɹ]o ama[ɹ]elo*”;
- c. rotacismo: “esqueci a *bicic[r]eta, descu[ɹ]pe*”;
- d. oclusiva alveolar [d]: “ele veio aqui [*de*] manhã”;
- e. oclusiva alveolar [t]: “ele veio aqui [*de*] noi[te]”;
- f. verbo *ponhar*: “ela *ponhou* uma roupa bem bonita”.

Foram realizadas 60 entrevistas com residentes em Piracicaba (nativos ou não), estratificados em gênero (masculino e feminino), faixa etária (18 a 34 anos; 35 a 59 anos; 60 anos ou mais) e região de residência (norte, sul, leste, oeste e centro). Posteriormente, observou-se nas entrevistas que os participantes segmentam a cidade em duas grandes zonas, *centro* e *periferia*, categorização que foi adotada para melhor contemplar a composição expressa pelos participantes. Além dessas variáveis sociais, também foram sistematizadas: aproporção da vida residente em Piracicaba (mais de 80% e menos de 80%), a classificação socioeconômica (A, B1, B2, C e D) e a escolaridade (Ensino Fundamental, Ensino Médio e Ensino Universitário).

A coleta foi realizada durante a pandemia de Covid-19, em setembro e outubro de 2020, de modo remoto, através das plataformas *Google Meet* e *Zoom* e de ligações de vídeo pelo aplicativo *WhatsApp*. O contato com os primeiros participantes ocorreu por meio da rede social da pesquisadora, que perguntava aos amigos se eles conheciam alguém que se encaixasse nos perfis. A partir das primeiras entrevistas, era perguntado aos próprios participantes se conheciam outras pessoas que estariam disponíveis para participar da pesquisa, e desse modo, os perfis foram preenchidos.

As gravações foram transcritas no software ELAN (2020), seguindo as normas de transcrição do Projeto SP2010 (Mendes; Oushiro, 2013), com o auxílio de bolsistas cedidas pela pesquisadora Livia Oushiro. Adicionalmente, criou-se uma trilha nas transcrições do ELAN, intitulada “Roteiro”, para a marcação das perguntas do roteiro, a fim de facilitar a busca pelas respostas correspondentes às perguntas no momento da sistematização.

A sistematização dos dados ocorreu em duas etapas. Na primeira etapa, criou-se uma planilha (chamada *planilha aberta*) com uma linha para cada participante e colunas para marcar as perguntas e o tempo em que ocorreram nas entrevistas. Essa planilha contém 61 linhas e 74 colunas, nas quais as respostas dos participantes são transcritas de forma livre, visando a registrar as respostas de modo sintético, mas sem perder suas essências. A planilha aberta foi utilizada para fazer uma análise qualitativa dos dados e servir de base para a criação de uma segunda planilha, a *planilha fechada*.

A segunda etapa consistiu na elaboração da planilha fechada, que contém 61 linhas e 131 colunas. Manteve-se uma linha por participante e o número de colunas foi expandido, por menorizando uma mesma pergunta em suas nuances. Essa segunda etapa visava organizar as respostas em formato de etiquetas que pudessem ser quantificadas. A análise quantitativa foi realizada na linguagem de programação R (2021), por meio de tabelas de frequência e proporção, nuvens de palavras e testes estatísticos de qui-quadrado<sup>2</sup>.

É fundamental ressaltar a complementaridade de ambas as planilhas em conjunto com as transcrições das entrevistas. O processo de elaboração dessas planilhas mostrou a complexidade das respostas e foi essencial para a tomada de decisões objetivas. Assim, a planilha etiquetada complementa a partir de informações presentes na planilha aberta, revelando suas nuances, e o mesmo ocorre pela via oposta, em que a planilha aberta mostra suas recorrências e padrões a partir da planilha etiquetada.

A Figura 1 mostra um fragmento da planilha aberta, referente à pergunta 14 do roteiro: “Como você acha que o piracicabano fala? Pode dar exemplos?”. Na Figura 2, também observa-se um recorte referente à mesma pergunta, mas nesse caso, na planilha fechada. Ao comparar a linha 16 nas Figuras 1 e 2, pode-se notar como uma mesma resposta (nesse caso, a resposta da participante Paula M.) pode ser analisada de forma



Na Figura 1, há marcações como <r1> e <r2>, que foram utilizadas para referenciar uma retroflexão na pronúncia de /r/, sendo <r1> uma pronúncia mais retroflexa comparada a <r2>. Outras marcações também foram feitas para a variável /t/ e /d/ antes de [i], com <t1> e <d1> para representar as pronúncias oclusivas e <t2> e <d2> para pronúncias palatalizadas e africadas.

A partir do excerto da planilha fechada (Figura 2), observa-se que uma mesma pergunta desdobrou-se em cinco diferentes colunas. A primeira delas, *P14 diferencasemprc*, agrupava as respostas que apontavam diferenças na forma de falar de diferentes grupos dentro do município de Piracicaba – por exemplo, *faixa-etaria* agrupa os participantes que apontaram existir diferenças conforme a idade dos falantes. Essa coluna, no entanto, não obteve muitas marcações, similar a algumas outras colunas criadas, que ajudaram a sintetizar as respostas, mas não foram analisadas estatisticamente pelo baixo número de dados. A segunda coluna resultante da pergunta 14, *P14metalgg*, foi organizada com termos-chave expressados pelos participantes da pesquisa, e resultou em uma nuvem de palavras. O mesmo padrão foi aplicado a outras perguntas com respostas metalinguísticas – as colunas referentes receberam a marcação de *metalgg* ou *nuvem*. As outras três colunas operam em sincronização: a coluna *P14e* reúne os exemplos expostos pelos participantes; a coluna *P14e.nivel2* apresenta o nível linguístico em destaque no exemplo; e, por fim, a coluna *P14Vcod* compreende as variáveis em destaque na pesquisa que foram mencionadas pelos participantes (/r/ em coda e ataque silábico, rotacismo, /t,d/ antes de [i] e uso do verbo *ponhar*). Por exemplo, a participante Maria A. (linha 21), exemplificou o falar piracicabano com *carcanhá* (calcanhar) e *ponhar*; para *carcanha* o nível linguístico destacado por Maria A. foi o fonético, pelo uso de rotacismo e pela queda da consoante final /r/ – o nível fonético foi marcado duas vezes na coluna *P14e.nivel2*; no caso do exemplo *ponhar*, o nível marcado foi o lexical.

Por ter como foco principal as avaliações linguísticas, durante todas as entrevistas, os participantes citaram diversos exemplos, que foram sistematizados em diversas colunas associadas às perguntas em que apareceram. Sendo assim, muitas perguntas foram acrescentadas com as colunas referentes ao exemplo, ao nível e à variável. O critério de anotação do exemplo ocorreu com base na ênfase dada pelo participante e

nos comentários metalinguísticos a respeito dele. Por exemplo, quando os participantes citam o uso do retroflexo com comentários metalinguísticos como “erre puxado”, e pronunciam “po[ɻ]ta”, de forma marcada, anotou-se o exemplo com “porta”, nível fonético e a variável /r/ em coda. Essa etapa de sistematização exigiu minuciosidade e atenção, mas foram poucos os dados que geraram dúvidas na marcação – esses dados foram indicados como duvidosos e não foram analisados.

Os exemplos citados espontaneamente para caracterizar os falares local, dos próprios participantes e dos piracicabanos durante todas as entrevistas foram agrupados em uma nuvem de palavras (Figura3), excluindo os exemplos citados durante as últimas seis perguntas do roteiro (ver Roteiro, Anexo A), pois a documentadora dava um estímulo que poderia enviesar a escolha e a pronúncia dos exemplos.

A partir da Figura 3, observa-se que os exemplos mais citados são: *porta* (N = 41); *porta porteira portão* (N = 16); *leite quente* (N = 7); e *ôo* (N = 7). Percebe-se uma grande presença de palavras com o /r/ caipira, tanto em coda silábica, como *porta* e *portão*, quanto em ataque silábico, como *porteira*. A pronúncia oclusiva da consoante oclusiva /t/ e a manutenção da altura da vogal postônica média /e/ também é citada, em *leite quente*, mas em uma frequência muito menor em comparação com termos com a consoante /r/. A expressão *ôo* também é mencionada pelos participantes, como um termo lexical piracicabano, usado para expressar surpresa, dúvida, indignação.

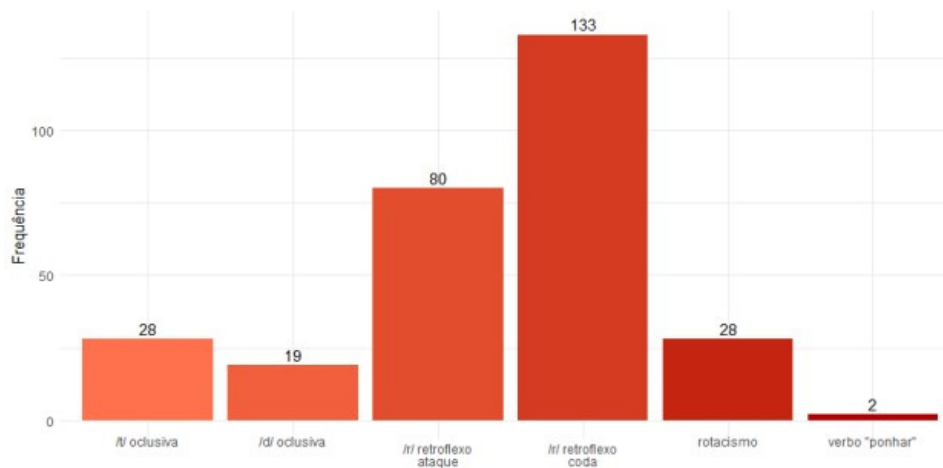


Figura 3: Nuvem de palavras com os exemplos dos participantes Fonte: Bento (2021, p. 46)



A diferença entre os exemplos róticos e a consoante oclusiva mostra-se mais destoante ao analisar a frequência das variantes em destaque na pesquisa. A Figura 4 reúne as colunas marcadas com *Vcod* durante todas as entrevistas. As variantes róticas são as mais mencionadas nos exemplos dos participantes (/r/ retroflexo em coda N=133, /r/ retroflexo em ataque N = 80, e rotacismo N = 28). No entanto, chama a atenção a baixa menção às variantes oclusivas [t,d] (N = 28, N = 19, respectivamente). As consoantes oclusivas são frequentemente relacionadas ao falar caipira, mas por parte dos participantes da pesquisa, são pouco mencionadas.

Figura 4: Frequência das variantes sob enfoque nas exemplificações dos/as participantes ( $\chi^2 = 248,38(5)$ ,  $p < 0,001$ ) Fonte: Bento (2021, p. 50)



Nas últimas perguntas das entrevistas (ver Roteiro, Anexo A), os participantes foram questionados sobre suas opiniões quanto à pronúncia de seis variantes: /r/ em coda e ataque silábico, rotacismo, /t,d/ antes de [i] e uso do verbo *ponhar*. As Figuras 3 e 4 exibem fragmentos de algumas respostas dos participantes para as sentenças “ele veio aqui de manhã” e “ele veio aqui de noite”. Na planilha aberta, para cada sentença foram organizadas três colunas para cada sentença (Figura 5), enquanto, na planilha fechada, cada sentença resultou em cinco colunas (Figura 6).

A partir dessas respostas, os termos metalinguísticos também foram sistematizados – Figura 6, colunas *P25nuvem* e *P26nuvem*. Na Figura 6, as colunas *P25quem* e *P26quem* fazem referência a quem fala dessa forma, conforme as respostas dos participantes; as colunas *P25inf* e *P26inf* organizam as respostas à pergunta se o participante fala dessa mesma forma ou não, e se não, de que modo ele fala. Por exemplo, a participante Diana C. (linha 22) respondeu quealaria “[dʒi] manhã”.

Figura 5: Fragmento da planilha aberta, referente à pergunta “O que você acha desse modo de falar?” para as sentenças “Ele veio aqui de manhã” e “Ele veio aqui de noite”.  
Fonte: Elaboração própria.

	A	BH	BI	BJ	BK	BL	BM	BN	BO
1	PARTICIPANTE	t.P25	P25: "ele veio aqui de manhã" o que voce acha	P25: quem fala assim	P25: voce fala assim	L.P26	P26: "ele veio aqui de noite" o que voce acha	P26: quem fala assim	P26: voce fala assim
15	PRC_F3L_MalteJ	00:18:00	veio aqui <d1>e manhã' é muito usado, mas não sabe se está certo, bem colocado	é muito usado	pode ser que sim	00:18:23	mesma coisa do <d1>e manhã'	NA	pode ser que sim 'ele veio a noite'
16	PRC_F25_PaulaM	00:17:31	veio aqui <d1>e manhã', acha simples, certo	piracicabano	fala assim também, 'veio aqui <d1>e manhã'	00:18:22	piracicabano	piracicabano	sim
17	PRC_M15_GilsonA	00:18:43	<d1>e manhã' pegar o que? leic1>e'. é normal, fala corriqueiramente e nem percebe, é uma pronuncia acentuada, arrastada	piracicabano que não nega a lingua fala assim	sim	00:19:28	gosta, tem orgulho, é patrimonio nosso. é uma riqueza nossa	NA	sim
18	PRC_F3N_LillianA	00:34:03	ta certo, não tem muita certeza	NA	sim, as vezes fala 'ele veio aqui hoje' e não 'manhã'	00:35:10	NA	NA	NA
19	PRC_M3N_VilmaraA	00:34:03	é assim mesmo que fala	NA	sim	00:35:10	NA	NA	sim
20	PRC_M15_GianS	00:47:40	<d1>e manhã' essa também, é o 'leic1>e quen<1>e'	piracicabano	não tem como, as vezes quer fazer referencia e não percebe que está fazendo <d1>e manhã' cedo', subir pra cima'...	00:48:40	tem os modos certos e errados de falar, mas as vezes a gente não entende, mas mesmo assim não é errado porque é costume	NA	sim
21	PRC_F35_MariaA	00:47:40	algumas pessoas falam 'ele veio <d1>e manhã' cedo' é mais piracicabano ainda, 'eu vou subir pra cima, descer pra baixo'	piracicabano	não	00:48:40	ele veio aqui <d1>e noi<1>e' errado não está, é o tom de voz. a gente entende então não é tão errado	NA	fala 'ele veio aqui a noite' 'a tarde' 'de manhã'
22	PRC_F15_DianaC	00:31:18	veio aqui <d1>e manhã'	pessoas mais velhas, que moram em sítio	não, falaria 'veio aqui <d2>e manhã'	00:31:57	<d1>e noi<1>e' parece pessoal do sul, percebeu que não é só o erre	pessoal do sul	não, 'ele veio aqui <d2>e noi<1>e'. acha que a informante é carioca graças a deus'
23	PRC_F35_AliceR	00:32:20	ele veio <d1>e manhã' ta certo	tem piracicabano que fala assim tem quem não, o piracicabano fala quem veio 'fulano veio aqui de manhã'	sim	00:33:12	não, 'ele veio aqui a noite'	tem gente, mas é pouco	NA

Figura 6: Fragmento da planilha fechada, referente à pergunta “O que você acha desse modo de falar?” para as sentenças “Ele veio aqui de manhã” e “Ele veio aqui de noite”.  
Fonte: Elaboração própria

	A	BF	BD	DH	DI	BJ	DK	DL	DM	DN	DO
1	PARTICIPANTE	P25com	P25nuvem	P25quem	P25inf	P25e	P26com	P26nuvem	P26quem	P26inf	P26e
15	PRC_F3L_MalteJ	positivo	bem colocado, frequente	NA	sim	de-manha	NA	igual d	NA	sim	a-noite, de-manha
16	PRC_F25_PaulaM	positivo	simples, certo	grc	sim	di-manha, de-manha	NA	prc	prc	sim	NA
17	PRC_M15_GilsonA	neutro	normal, arrastado, acentuado	grc	sim	de-manha, leite	positivo	gosta, orgulho, patrimonio	NA	sim	NA
18	PRC_F3N_LillianA	positivo	certo	NA	sim	ele-veio-aqui-hoje	NA	NA	NA	NA	NA
19	PRC_M3N_VilmaraA	positivo	certo	NA	sim	NA	NA	NA	NA	sim	NA
20	PRC_M15_GianS	NA	fazer-referencia	grc	sim	de-manha, leite-quebe, de-manha-cedo, subi-pra-cima	neutro	costume	NA	sim	NA
21	PRC_F35_MariaA	NA	NA	grc	nao	de-manha-cedo, subi-pra-cima, descer-pra-baixo	NA	tom-voz	NA	a-noite	a-noite, a-tarde, de-manha
22	PRC_F15_DianaC	NA	NA	sítio, idosos	d2>e-manha	de-manha, d2>e-manha	NA	sul	sul	d2>e-noite	gracias-a-deus, de-noite, d2>e-noite
23	PRC_F35_AliceR	positivo	certo	grc	sim	de-manha, fulano-veio-aqui-de-manha	NA	a-noite	pouco	NA	a-noite

As respostas dos participantes referentes à pronúncia das seis variantes também foram organizadas em comentários *positivos*, *negativos* e *neutros* (colunas *P25com* e *P26com*, Figura 6). Foram utilizados como critérios os juízos de valor presentes nas respostas. Comentários como “bonito”, “eu gosto” e “certo” foram classificados como *positivos*. Para comentários contendo expressões como “feio”, “dói o ouvido” e “errado”, a etiqueta foi *negativo*. Os comentários *neutros* foram aqueles abrangendo termos como “normal”, “frequente” e também alguns comentários que se “anulavam”, pois continham tanto juízos de valor negativos quanto positivos – p.ex., “normal” e “forçado”. Os comentários que não continham juízo de valor, como aqueles que comentavam apenas aspectos linguísticos (como “erre puxado”, “troca de ele por erre”, entre outros), não foram classificados. Por exemplo, a resposta de Gilson A. para a pergunta “O que você acha do modo de falar ‘Ele veio aqui demanhã?’” foi (transcrita na linha 17, coluna BI, Figura 5)

- (2) Gilson A.: *de... de manhã pegar o quê? pegar ‘leite’ né? eh é assim mesmo é ela principalmente no meu serviço né? a gente entra bem cedo então uns “ah” tem pe/ e tem um pessoal que é só de manhã que a gente se encontra então “ai ele vem aqui demanhã”*

Documentadora: *uhum*

Gilson A.: *normal é que essas coisas passam no nosso dia a dia sem a gente perceber né? é que a gente que tem essa esse tipo de pronúncia acentuado arrastado assim não percebe mas fala isso daí faz parte do nosso dia a dia*

- (3) Gilson A. responde que é um falar “arrastado”, que é um termo geralmente associado ao lado pejorativo da variante, mas o participante também diz ser “normal”. Sendo assim, esse comentário foi marcado como *neutro* (ver Figura 6, linha 17, coluna DF).

Na pergunta seguinte, “O que você acha do modo de falar ‘Ele veio aqui de noite?’”, o mesmo participante responde (transcrita na linha 17, coluna BM, Figura 5)

- (4) Gilson A.: *ah eu gosto eu tenho orgulho né? então eh eh que nem quando eu vi e /eh parece que foi uma reportagem que eu vi falando que o o*

*sotaque piracicabano foi feito patrimônio imaterial da humanidade tipo eu achei achei isso fenomenal porque reconhecer uma coisa que algumas pessoas desprezam como algo da próprio eh daquela cultura é fenomenal sabe? e sa/ saber que aquilo por exemplo eh ninguém vai tirar de mim eu/ eu vou carregar comigo aonde quer que eu vá entendeu? então ah você carrega alguma riqueza da sua tarre/ da sua terra? sim o jeito que eu falo então*

Documentadora: *uhum*

Gilson A.: *isso é muito legal*

Sua resposta mostrou que ele gosta desse modo de falar, e que é um motivo de orgulho, além de ser um patrimônio da cidade e uma riqueza para os piracicabanos; esse comentário foi classificado como positivo, dado seu teor valorativo a respeito da sentença (ver Figura 6, linha 17, coluna DK).

Julio A. é um dos poucos participantes a fazer um comentário negativo sobre a variante /d/ oclusiva. Sua resposta (4) foi marcada como negativa pelas falas “falta de conhecimento” e “falta de cultura” empregadas pelo participante. É fundamental ressaltar que os juízos de valor marcados são sobre as sentenças, e que nem todos os participantes reconheceram o foco da sentença; no caso de Julio A., em (4), observa-se que o participante não menciona a oclusão da consoante, mas sim o uso de *aqui* na sentença.

(4) Julio A.: *também é falta de conhecimento da língua portuguesa*

Documentadora: *aham*

Julio A.: *né?*

Documentadora: *e como que seria... o certo*

Julio A.: *ele veio aqui de manhã? ele veio de manhã porque o aqui? porque o aqui? ele veio aqui de novo*

Documentadora: *ah sim*

Julio A.: *não é pra ele falar assim não é porque você falou alguma coisa que eu vejo sempre eh... ele entrou dentro de casa*

Documentadora: *é mesmo*

Julio A.: *se ele entrou em casa não precisa entrar dentro de casa tá?*

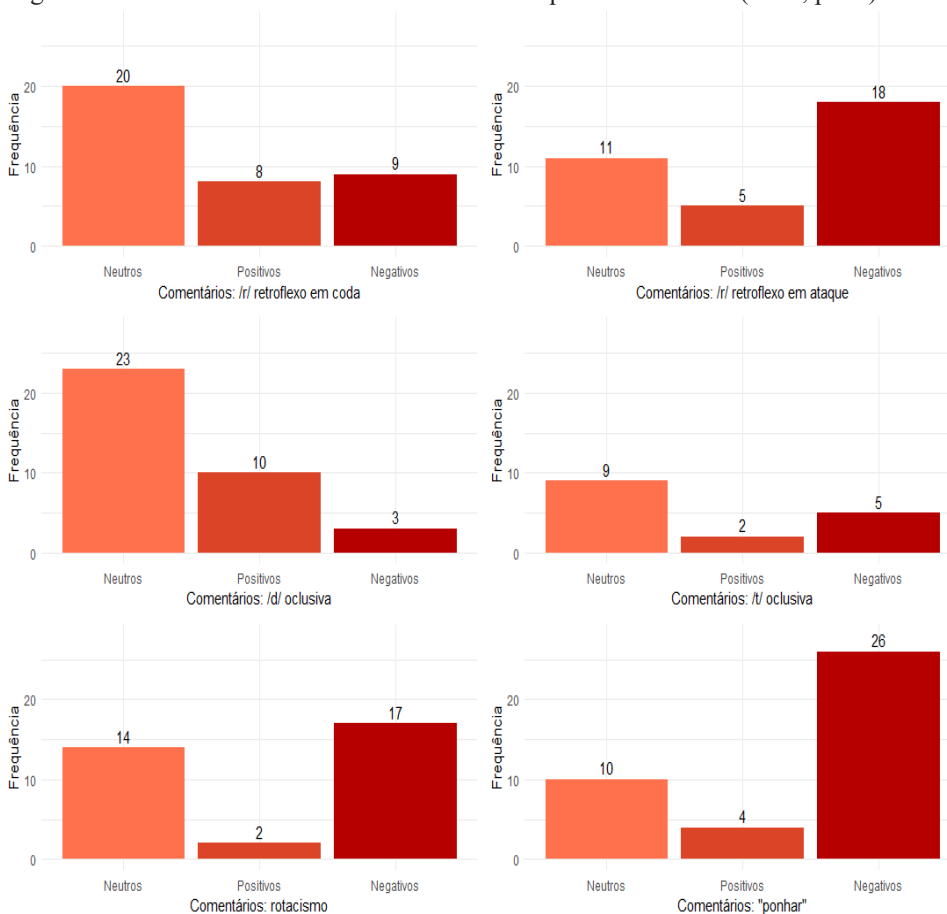
Documentadora: *sim*

Julio A.: *então é questão também de não é de /de de de...de ser piracicabano de ser é afalta realmente de um pouco de cultura*

Esse padrão de sistematização se repetiu para as seis últimas perguntas do roteiro (ver Roteiro, Anexo A); em outras palavras, para todas as perguntas referentes às variantes em destaque na pesquisa, criaram-se colunas para: os comentários valorativos, os termos metalinguísticos, quem fala dessa forma, a pronúncia do/a falante, e os exemplos.

Ao comparar os comentários positivos, negativos e neutros das seis sentenças em destaque (Figura 7), constata-se que a frequência de comentários negativos para /t/ e /d/ oclusivas (centro da Figura 7) é menor em relação às outras variantes. No caso da consoante oclusiva /t/, há poucos comentários no geral, pois, dada a sequência das perguntas, os participantes apenas mencionam que seus comentários eram similares aos dados na pergunta anterior (sobre a sentença com /d/ oclusiva). Quanto às outras sentenças, os usos de /r/ caipiraem ataque silábico, de rotacismo e do verbo ponhar recebem mais comentários negativos, e o uso de /r/ retroflexo em coda recebe, em sua maioria, comentários neutros. O levantamento da Figura 7 revela que as avaliações dos participantes diferem conforme a variável linguística.

Figura 7: Comentários sobre as variantes sob enfoque. Fonte: Bento (2021, p. 60)



As avaliações linguísticas sobre as consoantes oclusivas chamam a atenção por se comportarem de uma forma não esperada. Esperava-se que a pronúncia oclusiva de /t,d/ fosse mencionada de forma muito similar aos róticos, dada a associação dessas formas com o falar caipira. As nuvens de palavras na Figura 8 agrupamos comentários metalinguísticos dos participantes sobre os modos de falar “Ele veio aqui [de] manhã” e “Ele veio aqui [de] noi[te]”, respectivamente.





MariaA.: *eh...tem alguns que fala assim 'ele veio de manhã cedo'... né...não falam?...é mais caipira ainda é mais piracicabano 'de manhã cedo'...é 'eu vou subir pra cima vou descer pra baixo' é isso é pleonasma vicioso que só o piracicabano tem...isso aí*

Documentadora: *aham [risos] e vocês falam assim?*

Maria A.: *não não sei*

Gian S.: *ah a gente fala sim...ah não tem como...às vezes quer fazer referência a alguma coisa você não*

Maria A.: *é às vezes é referência é*

Gian S.: *você não percebe que você está falando 'de manhã cedo' ou 'subir pra cima' e 'descer pra baixo'?*

No trecho, é interessante observar como Gian S. parece perceber o uso da oclusiva /d/, mas não faz comentários metalinguísticos, apenas compara a expressão “de manhã” com “leite quente”, forma cristalizada no imaginário brasileiro como a pronúncia típica da consoante oclusiva /t/ e da manutenção da altura de /e/ postônico. Maria A. parece apenas repetir o que seu filho disse, e aponta para outro aspecto (pleonasma) e compara “de manhã” com “subir para cima” e “descer para baixo”.

Comparando o trecho com as nuvens de palavras na Figura 8, verifica-se que as maiores frequências não são de termos sobre a pronúncia das consoantes, mas sobre outros aspectos metalinguísticos. Há menções à pronúncia, como em “de certinho” ou “te”, referências ao modo de falar as consoantes, mas a frequência é menor em relação aos termos mais citados.

As análises qualitativa e quantitativa em conjunto com as transcrições das entrevistas permite observar que as avaliações sobre as pronúncias das consoantes oclusivas diferem das avaliações acerca das variantes róticas. O uso de /r/ caipira em coda e ataque silábico e a realização do rotacismo são objeto do discurso metalinguístico e aparecem com frequências exemplares, enquanto as consoantes oclusivas /t,d/ aparecem em frequência inferior e em poucos exemplos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metodologia desenvolvida em Bento (2021) mostrou-se eficaz para as análises qualitativas e quantitativas de um mesmo conjunto de dados e, em complementaridade com as transcrições, possibilitou uma ampla e profunda análise sobre as avaliações linguísticas de piracicabanos sobre seu próprio falar.

Constatou-se uma hierarquia entre as variáveis, sendo as variantes róticas caipirasmiais presentes nos discursos metalinguísticos e nos exemplos. As consoantes oclusivas /t,d/ também aparecem nas respostas dos participantes, mas em baixa frequência; os participantes tendem a não fazer comentários metalinguísticos referentes às variantes e a dar exemplos mais cristalizados no imaginário popular.

Os resultados apresentados possibilitam recortes para mais trabalhos no campo da avaliação linguística e de produção linguística, que comparem essas avaliações e encontrem novas respostas para as recorrências nas avaliações aqui destacadas.

## REFERÊNCIAS

- AGUILERA, V. d. A. e SILVA, H.C.d.(2015). “Uma nova configuração do caipira: ecos do /R/ retroflexo”. Em: Revista da ABRALIN 14.1, pp. 171-194.
- AMARAL, A. (2020 [1920]).*O dialeto caipira*. São Paulo: Parábola Editorial.
- BENTO, D. B.(2021).“Caipiracicabano: Avaliações linguísticas de residentes em Piracicaba-SP sobre o caipira e o piracicabano”.Monografia (Bacharelado em Linguística). Campinas-SP: IEL, Unicamp.
- CARREÃO, V. (2018). “Transformações econômicas e mudança linguística: a língua em Louveira/SP”. Dissertação (Mestrado em Linguística). Campinas-SP: IEL, Unicamp.
- DESTRO, E. (2016). *Gabriel Ferrato assina decreto que registra dialeto e sotaque como patrimônio de Piracicaba.Prefeitura do município de Piracicaba*. URL: <https://tinurl.com/caipirapatrimonio> (acesso em 07/03/2023).
- ESPÍRITO-SANTO, J. M. F. (2019). “Entre o campo e a cidade: rotacismo em São Miguel Arcajo”.Dissertação (Mestrado em Linguística).SãoPaulo: FFLCH,USP.

- FREITAG, R. M. K. et al.(2016).“Como os brasileiros acham que falam? Percepções sociolinguísticas de universitários do Sul e do Nordeste”. Em: Todas as Letras 18.2, pp.64-84. DOI: <http://dx.doi.org/10.15529/1980-6914/letras.v18n2p64-84>.
- LABOV, W. (2008 [1972]). *Padrões sociolinguísticos*. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline R. Cardoso. São Paulo: Editora Parábola.
- LEITE,C.M.B.(2011).“Estereótipos sociais e suas implicações para os estudos sociolinguísticos”. Em: Estudos da Língua(gem) 9.1, pp. 91-104.
- ELAN (2020). Linguistic Annotator. Max Planck Institute for Psycholinguistics. Nijmegen,The Netherlands. URL: <https://archive.mpi.nl/tla/elan> (acesso em 07/03/2023).
- MENDES, R. B. e OUSHIRO, L. (2013). *Documentação do Projeto SP2010 – Construção de uma amostra da fala paulistana*. URL: <https://projetosp2010.fflch.usp.br/producao-bibliografica> (acesso em07/03/2023).
- MORELLI, R. (2019).*O papel da variável sexo/gênero na variação linguística em Piracicaba-SP*. Relatório Final de Iniciação Científica.
- OUSHIRO, L. (2015a).“O que se diz como se fala: relações entre o discurso metalinguístico e a variação linguística”. Em: Signo y Señã 28, pp. 139-167.
- OUSHIRO, L. (2015b).“Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo”. Tese (Doutorado em Linguística). São Paulo: FFLCH, USP.PICINATO,P.B.(2018).“Diga-me como fala se eu direi quem és: um estudo Sociolinguístico da fala “caipira” na cidade de Sales Oliveira-SP”.Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Araraquara-SP: Faculdade de Ciências e Letras, UNESP.
- PLAZA, L. S. (2019). “O dialeto caipira no município de Itatiba-SP”. Dissertação (Mestrado em Linguística). Campinas-SP: IEL, Unicamp.
- R (2021). *R: A language an denvironment for statistical computing*.RFoundation for Statistical Computing, Vienna, Austria.Versão1.4.1106.URL: <http://www.R-project.org/> (acesso em 07/03/2023).
- RODRIGUES, A. N. (1974). O dialeto caipira na região de Piracicaba. São Paulo: Ática.SOUZA,F.C.P.de(2018).*Um estudo sobre percepções sociolinguísticas de universitários*. Relatório Final de Iniciação Científica PIBIC/CNPq.

## ANEXO

Anexo A: Roteiro de entrevista

Há quanto tempo você mora em Piracicaba?

Onde você já morou em Piracicaba? Quanto tempo em cada lugar?

Você gosta de morar em Piracicaba? O que você mais gosta em Piracicaba?

O que menos gosta?

O que você gosta de fazer em Piracicaba e na região? Quais lugares você mais frequenta?

Você viaja bastante?

Com o que você trabalha?

Você acha que Piracicaba mudou muito? O que você acha que melhorou na cidade? O que você acha que piorou?

Você acha que Piracicaba é diferente das cidades vizinhas?

Quando você viaja, as pessoas percebem que você é piracicabano? Como?

Você reconhece outro piracicabano se encontra ele em outra cidade?

E aqui, dentro de Piracicaba, você percebe se a pessoa é de um bairro ou de outro? Como?

Você acha que eu sou piracicabana? Porquê?

Você acha que o jeito de falar de Piracicaba mudou? (*se sim*) Pode dar exemplos?

Como você acha que o piracicabano fala? Pode dar exemplos?

O que você acha que tem no modo de falar do piracicabano que é típico daqui? Você pode dar exemplos? (*Se a pessoa só mencionar o R:*) E além do R, tem outra coisa?

Como você acha que você fala?

O que é caipira pra você? O que é falar caipira? Pode dar exemplos?

Você considera os piracicabanos caipiras?

Você acha que você é caipira?

Você se identifica com o modo de falar caipira?

Você acha que você muda seu jeito de falar a depender da situação?

Agora eu vou falar para você várias sentenças, e eu queria que você falasse o que você acha do modo de falar. O que você acha desse modo de falar: “Fecha a *po[.l]ta*”? Quem fala assim? E você fala assim?

E de “Ele tem um *Cama[ɹ]o ama[ɹ]elo*”? Quem fala assim? E você fala assim?

E de “Esqueci a *bicic[r]eta, descu[ɹ]pe*”? Quem fala assim? E você fala assim?

E de “Ele veio aqui[de]manhã”? Quem fala assim? Você fala assim?

E de “Ele veio aqui [de]noi[te]”? Quem fala assim? Você fala assim?

E de “Ela *ponhou* uma roupa bem bonita”? Quem fala assim? Você fala assim?